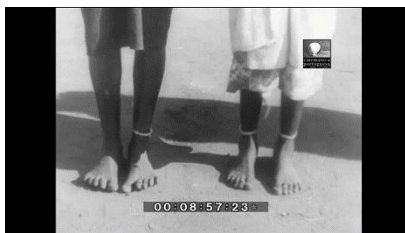


Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital COLONIALISMO

A partir de uma coleção de filmes portugueses, vamos passear pela nossa história e geografia, mergulhar no mundo dos avós, bisavós, trisavós e tetravós e trazer desse mergulho peças preciosas e raras que nos ajudam a conhecer melhor aqueles tempos, outros usos e valores e por acréscimo conhecer melhor o nosso tempo. Perceber que não vivemos sempre assim, que houve tempos sem internet, sem telemóveis, sem televisão, sem trânsito, sem pressa, sem poluição, quase sem carros, sem aviões, sem liberdade, sem democracia e sem sapatos. Esta viagem vai fazer-se através de representações digitais de filmes disponíveis na **Cinemateca Digital**. Filmes, sobretudo, de atualidades ou documentais, mas também pequenos filmes de animação e comédia, que abordam temas muito variados, alguns familiares outros nem tanto. O roteiro que se segue é longo e nem sempre fácil, tragam sapatos confortáveis e a cabeça fresca.



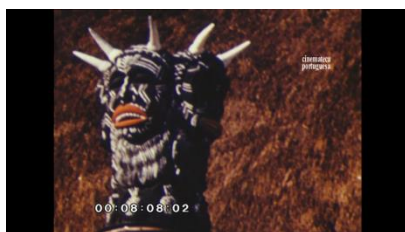
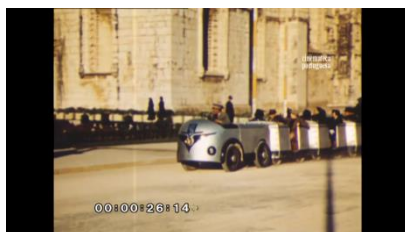
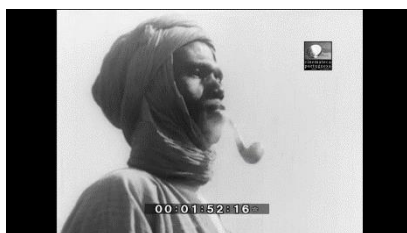
MEMÓRIAS: COLONIALISMO (dos 10 aos 80)

O cinema permitiu que a história deixasse de ser uma coisa de livros, só concebida pela imaginação a partir da palavra. A imagem em movimento deixa-nos um testemunho vivo do que foi, por exemplo, o colonialismo. Mesmo que não soubéssemos nada da história do nosso país ou da história do colonialismo nas suas diferentes formas ao longo do tempo e com diferentes atores, os filmes que selecionámos da coleção da Cinemateca Digital permitiriam perceber que se trata de uma relação de poder desigual entre povos. Há um que “descobre” o território do outro, como se fosse possível descobrir o que já foi descoberto por quem lá vive, e subjuga-o por vantagem tecnológica. Esse movimento inicial a câmara não captou porque aconteceu ao longo da história da humanidade muito antes da invenção do cinema, na última década do século XIX. Mas o cinema, logo muito cedo, começa a registar formas de vida em vários cantos do mundo e, através de filmes como aqueles que selecionámos, dá a ver: quem governa e quem é governado; quem trabalha e quem manda trabalhar; quem constrói a narrativa e quem é narrado, quem filma e quem é filmado, quem é sujeito e quem é objeto.

Outra coisa que o cinema documenta bem é que um povo quando domina outro, pelo menos a partir do momento em que o exercício puro da lei do mais forte deixa de ser socialmente aceite, precisa de justificar esse ato, dar-lhe uma justificação moral. E essa justificação passou quase sempre por considerar que o colonizador desempenhava um papel civilizador, trazia os povos “atrasados” para um nível superior de desenvolvimento e civilização.

“A população indígena marcha firmemente para a civilização sob os cuidados da orientação portuguesa, inspirada num sentimento cristão de fraternidade humana” diz-se, a dado momento, no filme “Lourenço Marques” de Felipe de Solms, 1950.

Em Portugal, à semelhança do que fizeram outros estados colonizadores com os seus “indígenas”, foi natural mostrar homens e mulheres de África, Índia, Macau e Timor como atrações de feira em certames de promoção das glórias nacionais, como a Exposição Colonial Portuguesa ou a Exposição do Mundo Português. Os dois últimos filmes documentam esse grande momento do Estado Novo que foi a Exposição do Mundo Português. Esses filmes são imperdíveis e não apenas pelo tema do colonialismo. O tema da propaganda é também muito bem servido pelo acontecimento em si e pela forma como é filmado. Enquanto a Europa sofre uma guerra devastadora – a Segunda Guerra Mundial – Portugal, em 1940, comemora o duplo centenário da Fundação do Estado Português (1140) e da Restauração da Independência (1640) com uma produção cenográfica monumental e mostra-se a si mesmo e ao mundo como o paraíso na terra. Sob o pretexto da celebração das glórias do passado, colocam-se os holofotes sobre as glórias do presente - o Estado Novo.





FILMES:

Segue as ligações.

[Guiné: Aspectos Industriais e Agricultura](#)

Augusto Seara, Serviços Cinematográficos do Exército para a Agência Geral das Colónias, 1929, 12min34s, Cor, sem som

[São Tomé Agrícola e Industrial](#)

Augusto Seara, Serviços Cinematográficos do Exército para a Agência Geral das Colónias, 1929, 11min.47s, Cor, sem som

[Experiência:Fronteira](#)

José Luís Gonçalves Canelhas, 192(?), 5min44s, PB, sem som

[Luanda, Cidade Feiticeira](#)

Ricardo Malheiro, 1950, 19min24s, PB, com som

[Lourenço Marques](#)

Felipe de Solms, 1950, 10min19s, PB, com som

[África em Lisboa - Os Indígenas da Guiné na Grande Exposição Industrial Portuguesa](#)

Raul Reis, Ulyssea Filme – Companhia produtora, 1932, 13min13s, PB, sem som

[Primeira Exposição Colonial Portuguesa – Porto 1934](#)

Anibal Contreiras, Agência Geral do Ultramar- Companhia produtora, 1934, 7min16s, PB, sem som

[A Exposição do Mundo Português](#)

F. Carneiro Mendes, 1940, 10min46s, Cor, sem som

A Exposição do Mundo Português

António Lopes Ribeiro, SPN - Secretariado de Propaganda Nacional 1941, 62min29s, PB, com som

António Lopes Ribeiro ficou conhecido como “cineasta do regime” ou como “cronista oficial do regime”. Jornalista e crítico de cinema em várias revistas e jornais, com o pseudónimo de Retardador, funda entre 1928 e 1930 várias publicações como a revista Imagem, o semanário Kino ou o Animatógrafo. Em 1929 visita todos os grandes centros europeus de produção cinematográfica – Paris, Berlim, Varsóvia, Moscovo, Viena, Milão, Barcelona - e pode-se dizer que apreciava tanto o cinema alemão quanto o soviético. Dentro do sistema corporativo do Estado Novo, dirige o Sindicato Nacional de Profissionais de Cinema a partir de 1933 e mais tarde também a União de Grémios dos Espetáculos, ou seja representa ao mesmo tempo os trabalhadores e as organizações patronais. Se te parece estranho é porque nasceste depois do 25 de abril. Entre 1938 e 1951, dirige as 95 edições do Jornal Português, um Jornal de atualidades cinematográficas financiado pelo Estado (SPN - Secretariado de Propaganda Nacional e a partir de 1945 SNI – Secretariado Nacional de Informação) que muito contribuiu para a imagem que o regime quis dar do país. Em 1937, em parceria com António Ferro (diretor do SPN e ideólogo da Política do Espírito ou seja da política cultural do regime) escreve o argumento e realiza o mais célebre filme de propaganda do Estado Novo – *A Revolução de Maio*. Realiza três anos depois o filme documental que aqui propomos - **A Exposição do Mundo Português** - onde enaltece a história pátria, o império e o Estado Novo. Em 1941, funda as Produções António Lopes Ribeiro, que entre outros produz o filme Aniki-Bóbo de Manoel de Oliveira e desempenha um papel importante na promoção do cinema português no estrangeiro. Foram realizados por ele outros filmes que talvez conheças: *O Pai Tirano* (1941), *Amor de Perdição* (1943) ou *Frei Luiz de Sousa* (1950). A título de curiosidade, António Lopes Ribeiro teve um irmão igualmente famoso, Francisco Ribeiro, mais conhecido por Ribeirinho. Encenador, ator cómico e também realizador do célebre filme *O Pátio das Cantigas* (1942).



Recomendações:

Se não percebeste algumas palavras que leste ou algumas das coisas que viste, pede ajuda aos teus pais, irmãos, avós ou amigos. Se eles não souberem esclarecer as tuas dúvidas, pesquisa nos livros de história ou na internet. Podes também procurar respostas noutros filmes sobre o tema, aqui na Cinemateca Digital ou noutro sítio.

Mais informações e coisas para pensar, depois de ver os filmes:

Sabes que o colonialismo português foi dos últimos a ser desmantelado?

Sabes qual foi o momento chave para o fim do colonialismo português?

Achas que o racismo tem alguma coisa a ver com o colonialismo, ou seja com esta antiga relação desigual entre povos?

Achas normal que se mostre numa feira, como atração exótica, um advogado a analisar os seus processos ou um professor a avaliar testes?

Da mesma maneira, achas normal que se mostre numa feira camponeses e “indígenas” como viste nos filmes sobre a Exposição do Mundo Português ou nos filmes *África em Lisboa* e *Primeira Exposição Colonial Portuguesa*?

Achas que as populações africanas, indianas, timorenses ou macaenses das colónias eram cidadãos com os mesmos direitos que a população branca das colónias e da metrópole?

PARA PAIS E FILHOS:**FOLHAS DE SALA:**

[folha de sala](#) da sessão sobre o cineasta amador F. Carneiro Mendes

[folha de sala](#) da sessão quatro filmes dos Serviços Cinematográficos do Exército